

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



Instituto Cultural
Cidade Viva

denominação
Fazenda São João da Prosperidade

código
AII - FO1 - BP

localização
RJ-137, Km 7

município
Barra do Pirai

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

A fazenda São João da Prosperidade localiza-se na estrada que liga Barra do Pirai a Ipiabas e a Conservatória. Da estrada avistamos o conjunto da fazenda, que fica em um nível mais baixo que a rodovia.



coordenador / data **Noêmia Lucia Barradas Fernandes e Cláudia Baima Mesquita - nov 2007**
equipe **Daniel Soares Braz e Icaro Cardoso Cerqueira**
histórico **Adriano Novaes**

revisão / data **Alberto Taveira - mai 2008**

A casa-sede e demais edificações remanescentes do ciclo do café estão cercadas por morros com pouca vegetação e seus limites formais são determinados pela ruína da senzala, à esquerda; por uma mureta de arrimo na lateral direita e; ao fundo, um muro de alvenaria de pedras. Correndo pela esquerda e acompanhando a ruína da senzala temos um riacho.



A Fazenda São João da Prosperidade possui um conjunto singular de edificações. O terreiro de café localiza-se na parte posterior. Possuindo casa-sede, casa do capataz, terreiro de café, ruínas da senzala e do engenho, resquícios da tulha e um abrigo para tropeiros, que fica na lateral beirando a estrada interna que permite o acesso à casa-sede.

A casa-sede, construída em um único pavimento e com um telhado de inclinação acentuada, tem seu espaço distribuído por cerca de 30 cômodos. A escada localizada na fachada principal permite o acesso à uma grande sala de estar, que leva a área que era destinada às alcovas – transformadas nos quartos atuais –, e a um escritório que foi transformado em sala de estar. Um corredor nos permite chegar à sala de jantar e a dois outros corredores. O que fica no eixo longitudinal da casa dá passagem para outros quartos; para a capela e para uma grande sala, transformada em varanda; e o outro, transversal, permite o acesso ao bloco onde localiza-se a cozinha. Entre a cozinha e o corpo principal da casa existia um jardim para impedir que o cheiro da cocção chegasse às salas. Atualmente parte desse jardim foi ocupado com a construção de dois banheiros.

Esta edificação possui 40 janelas e 40 portas, todas com vergas retas e cercaduras em madeira. As portas internas possuem bandeira com vidro e as demais esquadrias. Em sua maioria, são compostas por janelas duplas – guilhotinas envidraçadas e almofadadas – e portas almofadadas.

As paredes internas possuem um roda-mão em todos os cômodos. A proprietária atual instalou uma escada de marinheiro num dos corredores, para facilitar a manutenção do madeiramento do forro e do telhado.

As divisões internas da casa nos fazem perceber que ela foi planejada e construída contemplando três funções internas distintas: residência (íntima) social e serviço (comércio / trabalho).





A senzala encontra-se totalmente demolida, possuindo ainda, parcialmente, as pedras da alvenaria de embasamento. A tulha também encontra-se parcialmente demolida. Foram identificadas as ruínas do antigo engenho, nas proximidades da tulha e o terreiro de secagem do café, localizado entre a casa-sede, a tulha e casa de caseiro, permanecendo com as lajes de pedra que revestiam sua pavimentação. Mas o segundo terreiro, que fica entre a senzala e a mureta de arrimo, está coberto de vegetação, não existindo mais as lajes de cantaria. Porém algumas canaletas de escoamento das águas permanecem subdividindo a área.

A fundação da casa-sede apresenta umidade em alguns pontos; já na casa dos tropeiros, há umidade ascendente em vários pontos. Na casa do caseiro, a fundação está em bom estado. Entretanto, na tulha, a estrutura foi parcialmente destruída.

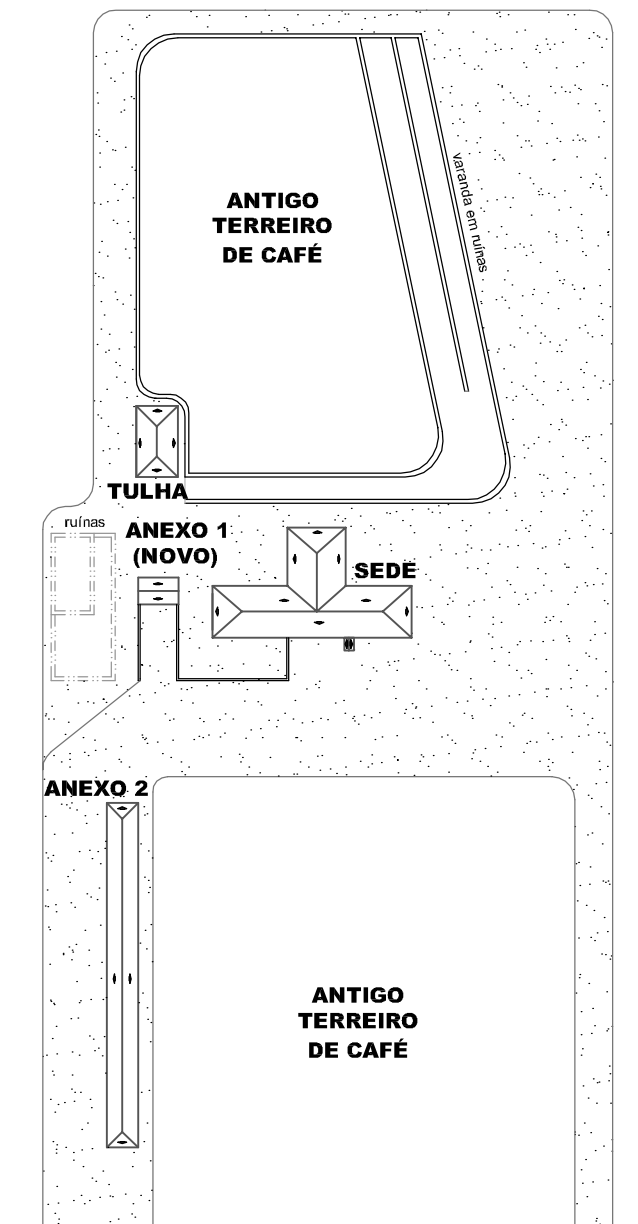
As paredes de vedação da casa-sede apresentam umidade em alguns pontos, além do que duas paredes na extremidade direita foram demolidas para transformação do cômodo em varanda. Na casa dos tropeiros há umidade ascendente e, na casa do caseiro, existem sinais de umidade ascendente. Na tulha há partes faltantes e desagregadas.

A cobertura da casa-sede está em bom estado de conservação. Há, entretanto, algumas telhas desalinhadas no bloco da cozinha; telhas emboçadas; manchas de sujeira e umidade, especialmente nas beiras. Segundo a proprietária, as telhas são todas originais; a estrutura do telhado na área da cozinha é diferente do restante da edificação. Na casa dos tropeiros o estado de conservação é regular, apresentando, porém, telhas desalinhadas, manchas de sujeira e umidade. Na casa do caseiro o estado de conservação também é regular, com manchas de sujeira e umidade. Na tulha há telhas quebradas, desalinhadas e faltantes, partes do madeiramento faltante, porém, segundo a proprietária, as telhas são todas originais.

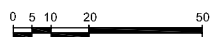
A estrutura de madeira, na casa-sede, apresenta bom estado de conservação, algumas peças apresentando ressecamento; umidade na extremidade de pouquíssimos frechais e madres; sujidades e algumas manchas; além da presença de insetos xilófagos. Na casa dos tropeiros o estado é regular com resquíscios de tinta; sujeiras; utilização de peças improvisadas; existência de fiação amarrada no madeiramento; e a presença de insetos xilófagos. Na casa do caseiro o estado de conservação é regular, com a presença de insetos xilófagos. Na tulha existem partes faltantes, quebradas e desagregadas.

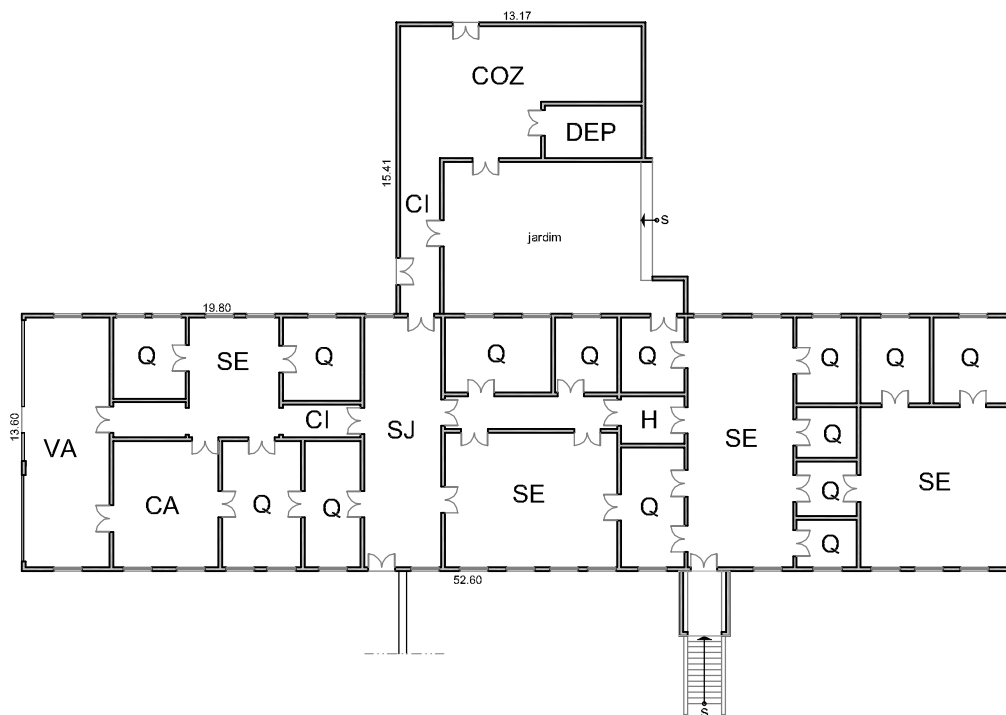




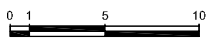


1 FAZENDA SÃO JOÃO DA PROSPERIDADE
Planta de Situação escala: 1/2000





1 FAZENDA SÃO JOÃO DA PROSPERIDADE
 Planta Baixa da Sede - 1º PAVTO escala: 1/250



CA - capela COZ - cozinha H - hall SE - sala de estar VA - varanda
 CI - circulação DEP - depósito Q - quarto SJ - sala de jantar

— alvenaria existente

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

All - F01 - BP

2/2

equipe:
 Noemia Lucia Barradas Fernandes/ Claudia Baima Mesquita

desenhista:
 Noemia Barradas/Claudia Baima

revisão:
 Francyla Bousquet

data:
 nov 2007

O primeiro registro desta fazenda em documentos oficiais é um mapa datado de 1814, em que estão demarcadas diversas sesmarias na região de Ipiabas. Numeradas de 1 a 30, nestas sesmarias de meia légua em quadra, constam os nomes dos seus proprietários. A de número 15 pertence a Antônio Gonçalves de Moraes, que nesta época devia ter apenas 11 anos de idade. Tudo indica que tais terras foram pedidas em nome dele, porém em poder do pai, José Gonçalves de Moraes, o futuro Barão de Pirai, também senhor de várias sesmarias naquela região.

Inicialmente era apenas denominada Fazenda da Prosperidade, fundada entre 1820 e 1830, quando o café começou a ser cultivado na região. Antônio Gonçalves de Moraes, apelidado de “Capitão Mata Gente”, cuja alcunha teve origem após um incidente em sua Fazenda do Salto Pequeno, no município de Passa Três. Neste episódio, escravos teriam matado o feitor e, para encobrir o ocorrido, Antônio teria ordenado que os escravos atirassem o corpo num açude, com uma pedra amarrada ao pescoço. No entanto, ciente de que a polícia chegava à fazenda, ele mandou que retirassem o corpo do açude e o enterrassem numa bacia de cal. A polícia nada encontrou na propriedade.

Antônio Gonçalves de Moraes casou-se com Rosa Luíza Gomes de Moraes, filha do Barão de Mambucaba. Era também dono da Fazenda Braço Grande, atual Ibitira, que doou a seu filho José Gonçalves de Moraes, em 1843; bem como da Fazenda São Félix.

Em 1843, ainda segundo escritura, Antônio Gonçalves de Moraes comprou um sítio denominado Barra do Pirai e, em 1853, construiu uma ponte sobre o rio Pirai, dando início ao povoado de São Benedito, origem da cidade de Barra do Pirai. Em 1883, com a inauguração da Estrada de Ferro Santa Isabel do Rio Preto, que saía de Barra do Pirai e ia até a mesma, mais tarde denominada Viação Férrea de Sapucaý e posteriormente Rede Mineira de Viação, passou a existir a estação “Prosperidade”, que seguia para o Rio de Janeiro pela Estrada de Ferro Dom Pedro II.

O Capitão Mata-Gente faleceu em 1876, e nos autos do seu inventário *post-mortem* é possível constatar que o monte-mor chega à cifra extraordinária de 1:005:699\$800 contos de réis, sendo dele as fazendas São Felix; São João da Prosperidade; Fazenda Velha; o sítio do Viana e uma casa na rua Conde D’Eu, no Rio de Janeiro. Só na Prosperidade trabalhavam 214 escravos, que cultivavam 256 mil pés de café.

Austero, longo e simples, são os qualificativos mais apropriados para este casarão de um só pavimento, com 950m² de área construída, que possui dez quartos e cinco salões, além de outras dependências, cujas grossas paredes externas são de pedra e as internas de pau-a-pique. Entretanto, a singela arquitetura contrasta, por um lado, com a importância histórica da fazenda e, por outro, com a autenticidade e conservação do prédio, fruto de louvável e perseverante trabalho dos atuais proprietários, Luiz Geraldo Muniz e Magide. Na frente da casa existe uma construção de pedras que, provavelmente, se destinou a abrigo das tropas de mulas que levavam o café para o Rio de Janeiro.

Com uma área de 40 alqueires e tendo como principais atividades a suinocultura, a pecuária de leite e de corte e a fabricação de cachaça, a fazenda oferece visitas orientadas a grupos de turismo, recebendo grande afluxo de visitantes devido à sua localização, na Estrada Barra do Pirai - Conservatória, assim como um excelente *tour* que Magide conduz, fornecendo informações detalhadas sobre a arquitetura e o modo de vida do século XIX no Vale. Magide e Luís Geraldo pertencem ao Instituto PRESERVALE, participando ativamente do Programa de Turismo Cultural.